

LINGUÍSTICA LAVANDA E NEOLOGIA SEMÂNTICA NA GÍRIA LGBTQIAPN+

LAVENDER LINGUISTICS AND SEMANTIC NEOLOGY IN LGBTQIAPN+ SLANG

Vivian Orsi*

RESUMO: Os neologismos são unidades lexicais novas que passam a ser adotadas em uma língua. Este trabalho escolhe como objeto de estudo as criações neológicas das gírias referentes à comunidade LGBTQIAPN+, também chamada de lavanda, gay ou queer. Dessa forma, com ênfase nos neologismos e na Linguística Lavanda, é proposto aqui um exame de alguns de seus itens léxicos gírios formados a partir da neologia. O recurso a gírias se firma com o propósito de coesão e, ao mesmo tempo, segregação de um grupo usuário, pois estabelece um elo entre seus falantes, afastando aqueles que não a compreendem e não a utilizam. O objetivo principal deste trabalho é refletir e analisar aspectos léxico-semânticos da gíria LGBTQIAPN+.

PALAVRAS-CHAVE: Léxico. Gíria gay. Linguística Lavanda.

ABSTRACT: Neologisms are new lexical units that are adopted in a language. This paper selects as object of study the neological creations of slang referring to the LGBTQIAPN+ community, also called lavender, gay or queer. Thus, with emphasis on neologisms and Lavender Linguistics, it is proposed to examine here some of its lexical items created by neology. Slang is used to establish cohesiveness and, at the same time, to set apart a user, as it establishes also a link between its speakers, excluding those who do not understand and do not use it. The main aim of the paper is to reflect on and analyze the lexical-semantic aspects of the LGBTQIAPN+ slang.

KEYWORDS: Lexicon. Gay slang. Lavender Linguistics.

* Vivian Orsi tem pós-doutorado pela Università degli Studi di Torino, Itália, e doutorado em Estudos Linguísticos pelo IBILCE - UNESP. É Professor Assistente Doutor do IBILCE - UNESP, câmpus de São José do Rio Preto-SP, Brasil. Atua nas áreas de Lexicologia, Lexicografia, Moda, Blogs de Moda, Tabus linguísticos e Turpilóquio. E-mail: vivian.orsi@unesp.br, Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7892-1091>, Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5675353994285018>.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A língua é um elemento de interação entre o indivíduo e a sociedade, pois é um fato social. É viva, flexível e evolui junto com o homem. A sociedade tem o arbítrio de aceitar ou rejeitar certas transformações dentro de um idioma, pois ele além de ser apenas um instrumento de comunicação, é igualmente um elemento cultural revelador da visão de mundo de cada comunidade.

E é a partir da palavra que a realidade pode ser nomeada e identificada. A denominação dessas realidades gera um universo significativo que é desvelado por meio da linguagem (Biderman, 1998).

Consideramos a palavra, resumidamente e para o fim aqui proposto, conforme define Antunes (2012, p. 45), como

forma mínima que pode ocorrer isoladamente numa sequência linguística, desde que possa ocupar diferentes posições e diferentes funções sintáticas, e que apresente uma coesão interna e significação (lexical ou grammatical) aceitável na língua

Dessa maneira, vemos que [a palavra] ocupa posição central no conhecimento linguístico porque “falar uma língua consiste, inicialmente, em combinar palavras no seio de frases tendo em vista comunicar-se” (Polguère, 2018, p. 23). E nessa soma de palavras e comunicação propomos neste artigo o exame de algumas gírias da comunidade denominada genericamente de gay em geral, sem restrição a uma específica comunidade inserida na descrição de LGBTQIAPN+ (acrônimo para Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Pôli, Não-binárias e outros), a partir do olhar da Lexicologia e dos estudos sobre neologia. O caminho a ser percorrido aqui se inicia por considerações sobre o universo LGBTQIAPN+, depois pelas gírias gays e se encerra com reflexões sobre seus neologismos.

Assim, defendemos que as palavras, quaisquer que sejam, formam signos pela associação de significantes sonoros a significados arbitrários, que a realidade se constrói. Portanto, pode-se afirmar que realidades diferentes vividas por grupos sociais diferentes darão origem a formas diversas de manifestações linguísticas. No entanto, o nosso objeto de estudo exige um olhar mais aguçado que nos leva a defender que unidades léxicas nem sempre são arbitrárias, o que significa que podem ser motivadas, por serem metafóricas.

Como nos revela Guiraud (1975, p. 27): “Um dos postulados da linguística moderna é o de que a língua é um sistema de símbolos arbitrários e não motivados; é também o de que não existe qualquer ligação natural entre o nome e a coisa denominada [...]. Mas complementamos, primeiramente, que, concernente ao léxico aqui em foco, por ser em grande parte metafórico,

uma grande porção das lexias empregadas é efetivamente motivada, e essa motivação estipula seu emprego e sua evolução. Em segundo lugar,

[...] qualquer nova criação verbal é necessariamente motivada; toda palavra é sempre motivada em sua origem, e ela conserva tal motivação, por maior ou menor tempo, segundo os casos, até ao momento em que acaba por cair no arbitrário, quando a motivação deixa de ser percebida” (Guiraud, 1975, p. 28).

Enfatizamos, portanto, que esse arbitrário comporta graus e que o signo pode ser relativamente motivado. Ademais, vale ressaltar que neste trabalho usaremos como sinônimos os termos *palavras*, *unidade* ou *item lexical* e *lexia*, que formam o léxico de uma língua. Estando dentro delas ainda noção de que “um sintagma é uma sequência linear de formas de palavra que se encontram todas interconectadas direta ou indiretamente por relações sintáticas” (Polguère, 2018, p. 56).

Portanto, é no léxico – componente da língua que se caracteriza por ser o conjunto de itens lexicais disponíveis a um falante – em que mais facilmente se percebem as mudanças e variações linguísticas, visto que, por ter como função nomear e designar fatos, processos, objetos e pessoas, reflete necessariamente as transformações sociais. Por isso, é uma classe aberta (está sempre incorporando novos itens lexicais) e comporta unidades de todos os registros linguísticos, inclusive a gíria, tema abordado neste relato de pesquisa.

Essas unidades gírias são adotadas dentro de uma comunidade e a ela restrita, usadas com o propósito de aproximar seus membros ou para rechaçar aqueles que não fazem parte desse determinado grupo.

COMUNIDADE LGBTQIAPN+

Aqui serão vistos, como antecipado inicialmente, alguns dos itens lexicais que fazem parte da gíria da comunidade LGBTQIAPN de origem brasileira. Importante pontuar que, pela escolha desta sigla em detrimento de outras, não há intenção de tentar excluir ou, pelo contrário, minimizar nenhum dos integrantes do grupo social aqui estudado.

Para muitos, que não estão familiarizados, a sigla LGBTQIAPN+ pode parecer única e somente uma sequência de letras de um grupo que busca se afirmar. Todavia, para aqueles que se sentem parte da referida comunidade, a clara intenção extrapola os limites da simples tentativa de representação. Ela demonstra uma aspiração, reivindicação e luta para a validação de pessoas que, em outros tempos – e ainda hoje –, estavam sob mira de marginalização. Além de se sentirem negligenciadas e desamparadas pela sociedade, muitas vezes padeciam e padecem de preconceito até por aqueles que se consideravam e consideram, apoiadores, enquanto lutam pela salvaguarda de seus direitos humanos civis, políticos e sociais.

Para Piovesan e Kamimura (2017, p. 176):

Ao longo da história as mais graves violações aos direitos humanos tiveram como fundamento a dicotomia do “eu versus o outro”, em que a diversidade era captada como elemento para aniquilar direitos. A diferença era visibilizada para conceber o “outro” como um ser menor em dignidade e direitos, ou, em situações limites, um ser esvaziado mesmo de qualquer dignidade, um ser descartável, um ser supérfluo, objeto de compra e venda (como na escravidão) ou de campos de extermínio (como no nazismo). Nesta direção, merecem destaque as violações da escravidão, do nazismo, do sexismo, do racismo, da homofobia, da xenofobia e de outras práticas de intolerância.

É nesse contexto em que o processo de afirmação dos direitos da diversidade sexual, caracterizado por variadas reivindicações éticas e morais, almeja articular e redefinir o impacto do direito à igualdade e à diversidade.

O que se tem, assim, em cada letra da sigla LGBTQIAPN+, junto com seu caráter inclusivo e agregador, é o símbolo de diferentes grupos de uma sociedade que enfrenta diversas formas de violência (física, moral e verbal) por não se encaixarem nos padrões normativos impostos por essa mesma coletividade, qual seja, na ideia cisgênera e heterossexual dominante.

Se a sigla LGBTQIAPN+ marca um posicionamento de luta, resistência e orgulho, abrangendo lésbicas (L: mulheres que se relacionam com mulheres), gays (G: homens que se relacionam com homens), bissexuais (B: pessoas que se relacionam com homens e mulheres), transexuais e travestis (T: quem passou por transição de gênero), queer(Q: pessoas que transitam entre os gêneros, como as drag queens), intersexo (I: pessoa com qualidades e características masculinas e femininas), assexuais (A: quem não sente atração sexual por quaisquer pessoas), pansexuais (P: quem se relaciona com quaisquer gêneros ou orientações/condições sexuais), não-binário (N: quem não se percebe como pertencente a um gênero exclusivamente, cuja identidade e expressão não se limitam ao masculino e feminino, estando fora do binário de gênero e da cismatividade) e o símbolo aditivo “+(mais)”(+: outros grupos e variações de sexualidade e gênero), ainda há muito a ser investigado e compreendido do ponto de vista da diversidade cultural a que estamos inseridos, seja no meio social, seja no ambiente escolar/universitário. (Moreira, 2022, p. 5)

Concebendo que os direitos humanos simbolizam o idioma da alteridade: ver no outro um ser merecedor de igual consideração e profundo respeito, dotado do direito de desenvolver

as potencialidades humanas, de forma livre, autônoma e plena. É a ética orientada pela afirmação da dignidade e pela prevenção ao sofrimento humano (Piovesan; Kamimura, 2017).

Nesse sentido, com esse esforço por encontrar uma voz na esfera pública, as discussões sobre gênero e que tratam de assuntos de comunidades ainda segregadas, portanto, contribuem para a compreensão da complexidade da subjetividade humana e possibilitam uma análise de múltiplas dimensões e formas de expressão – como o estudo de algumas de suas gírias, tal qual aqui propomos.

GÍRIA GAY

Para Preti (2006, p. 242):

quando se trata da história da gíria, conhecê-la significa penetrar no mundo da marginalidade, na vida dos grupos excluídos da sociedade pela sua própria condição de pobreza ou pelas suas atividades peculiares (não raro ilícitas), os quais buscam com a criação de um vocabulário criptológico uma forma de defesa de suas comunidades restritas.

Para explanar melhor o que se entende por gíria, recorre-se a Alonso (2009, p. 63-65) que considera que o vocabulário gírio, para se configurar como signo de grupo, deve apresentar, ao menos, três características: ser criptológico, ou seja, manter-se inacessível àquele que não é um de seus membros; ser efêmero, em constante atualização, quer pela atribuição de novos significados a lexias já existentes – o que ocorre com frequência no nosso objeto investigado –, quer pela cunhagem de novos itens, para a manutenção do seu caráter indecifrável; e, finalmente, as gírias devem ser expressivas, vale dizer, serem passíveis de externar as emoções dos falantes e seus interlocutores.

Preti (1984, p. 3) afirma que, “caracterizada como um vocabulário especial, a gíria surge como um *signo de grupo*, a princípio secreto, domínio exclusivo de uma comunidade social restrita (seja a gíria dos marginais) ou da polícia, dos estudantes, ou de outros grupos ou profissões”. Desse modo, quanto maior for o sentimento de união que une os membros de um grupo, tanto mais a unidade gíria servirá como elemento identificador, diferenciando o falante na sociedade e funcionando idealmente como meio de comunicação, além de autoafirmação.

A gíria pode ser definida, portanto, em síntese, como uma lexia usada quando se quer fazer referência a algo considerado não convencional, próprio de uma comunidade ou categoria e de significado pouco claro, podendo se alterar conforme se modificar o acesso a ela ou conhecimento sobre ela se difundir. Para Preti (1998, p. 2): “a criação dessa linguagem especial pode não apenas atender ao desejo de originalidade, mas também servir a finalidades diversas, como por exemplo, ao desejo de se fazer entender apenas por indivíduos do grupo,

sem ser entendido pelos demais da comunidade, de onde advém o seu caráter hermético". As gírias, portanto, se definem por três características principais: o dinamismo, a mudança e a renovação.

Segundo o autor (Preti, 2000, p. 241), pode haver por "uma atitude linguística de rejeição, por parte de quem fala ou escreve, o que torna a gíria um vocabulário marcado, cujo uso enfrenta preconceitos na sociedade (mais em algumas, menos em outras)".

Dentro da comunidade LGBTQIAPN+, a gíria tem um papel ainda mais fundamental, pois une seus membros e demonstra a capacidade linguística desse grupo específico em marcar, por meio de um recorte lexical, seu território, suas vivências e suas experiências.

A gíria gay, que será usada aqui como sinônimo de lavanda (nomeação atribuída pelo pesquisador Legman (Cameron; Kulick, 2003) e revigorada pelo sociolingusta Leap (2002)) ou ainda *queer* (denominação dada por Butler (2003)) é, por conseguinte, decorrente diretamente de um isolamento social que se reflete na língua.

Segundo Orsi (2011, p. 10),

uma das características do ser humano é a possibilidade de utilizar-se da linguagem para expressar e comunicar seus pensamentos e suas emoções. No entanto, por vezes, esbarra em preconceitos e tabus que limitam ou modificam a sua linguagem.

E ainda:

Compreendemos por preconceito a ideia, a opinião ou o sentimento que pode influenciar e levar o indivíduo à intolerância, à atitude de não reconhecer e admitir uma opinião diversa da sua e, por isso, vir a reagir com violência ou agressividade em certas situações. A linguagem, por ser um fenômeno multifacetado e, ao mesmo tempo, singular, é expressa de maneira diversa de usuário a usuário e em circunstâncias diferentes. Não obstante, a atitude dos preconceituosos e dos intolerantes é semelhante e homogênea e tenta impor padrões uniformizadores à sociedade em detrimento de variáveis importantes, como o respeito pela individualidade de um sujeito (ORSI, 2011, p. 11).

O universo LGBTQIAPN+, muitas vezes, passa por esses preconceitos e, em razão disso, recorre à linguagem críptica que as gírias oferecem. O estudo dessa gíria grupal pode ser inserido na Linguística Lavanda, nomenclatura da década de 1990, para descrever o estudo da língua usada por falantes daquele grupo.

Historicamente, o uso de "lavanda" como sinônimo de homossexual foi registrado por Gershon Legman, crítico cultural e folclorista norte-americano, em seu glossário de gíria gay americana, em 1941 (Cameron; Kulick, 2003). Assim, simbolicamente a cor lavanda (uma

tonalidade do roxo) foi associada à homossexualidade e à sua linguagem para se referir à fala dos homossexuais e, por extensão, à da comunidade LGBTQIAPN+. William Leap, pesquisador do departamento de Antropologia da *American University*, de Washington, EUA, retomou essa tradição, fundando um campo de estudo hoje conhecido como *Lavender Linguistics*, um ramo da Sociolinguística (Lucia, 2013), que visa descrever, especialmente por meio do léxico, as identidades e as forças que pressionam os indivíduos LGBTQIAPN+ a criar uma gíria específica para autoidentificação.

São usadas como sinônimas as nomenclaturas Linguística *queer*, proveniente da teoria *queer* de Judith Butler (2003), também da década de 1990, e Linguística gay, de Gershon Legman (Kulick, 2000). Aqui adotamos todas como correspondentes análogas por abarcarem o mesmo grupo de referência.

A gíria inserida na Linguística lavanda, de maneira particular, é considerada um modo compartilhado de falar que pode ser empregado para criar uma identidade singular e coesiva e que se estabelece como uma luta política. Disso deriva, portanto, que a sexualidade é uma forma de identidade social discursivamente constituída e representada. Para a gíria lavanda pode ser atribuído um caráter multiforme e poliedrico, ou seja, com múltiplos aspectos passíveis de serem abordados. Em relação, especificamente, ao português brasileiro.

À luz de Lucia (2013), dentro da Linguística lavanda, a língua pode englobar diferentes aspectos das práticas linguísticas, tanto na forma escrita quanto na oral, considerando elementos discursivos, a articulação das palavras, o uso de um vocabulário específico e, em certos casos, um recorte lexical elaborado alternativo ao já existente.

E nessa proposta de léxico diversificado vale acrescentar que em língua portuguesa brasileira há ainda o *bajubá* ou *pajubá*, que, para Riva (2024, p. 14),

surgiu como uma “língua secreta”, com uma origem marcada pela influência, na língua portuguesa brasileira, das línguas africanas iorubá e nagô, especialmente em contextos de práticas de religiões de matriz africana, e que, inicialmente, foi mais comumente usado por pessoas trans e travestis.

Adé, Ajeum e alibã, que significam, respectivamente: homossexual, comida e polícia são exemplos de itens gírios que representam o máximo do conceito daquilo que pensamos seja uma gíria: incompreensíveis por quem não está habituado ao mundo lexical *queer* brasileiro. Tais lexias são empréstimos do *bajubá* ou *pajubá*, que provêm, especialmente, do candomblé.

Inicialmente usada por travestis, depois difundida na comunidade LGBTQIAPN+, o *pajubá* tem características próprias, como o movimento performático e a entonação da voz ao falar (Silva Filho; Rodrigues, 2012) e não se refere a toda gíria lavanda, somente àquelas que têm origem de línguas africanas. Com uma linguagem de difícil compreensão, apenas

aqueles inseridos nesse meio conseguiram entender. E, por essa razão, foi alcançada ao uso pelo grupo LGBTQIAPN+.

Ainda segundo Riva (2024, p. 14),

com o tempo, o pajubá se ampliou e se tornou uma gíria bastante utilizada pela população LGBTQIAPN+ como um todo e que nunca parou de se reinventar, de se recriar, de receber influências de outras línguas e, também, de exportar, para a língua geral, muitas de suas lexias.

A gíria do grupo lavanda brasileiro, porém, não se limita ao bajubá/pajubá. Recorre-se a itens da própria língua portuguesa. Exemplos como *babado* e *racha* que significam respectivamente: fofoca e mulher heterossexual, não fazem parte do bajubá, mas da língua portuguesa brasileira, que se transformaram em neologismos semânticos. Antes indicavam somente um adjetivo: molhado de baba ou uma tira de tecido que adorna roupas e uma fenda ou abertura – depois associada ao órgão sexual feminino e que permitiu a associação diretamente com mulher.

Além do português, com a absorção de itens do bajubá, a comunidade LGBTQIAPN+ brasileira adota igualmente lexias de outras línguas estrangeiras, como *close*, anglicismo usado com o significado de “mostrar-se” (“dar close”) ou para um homossexual esnobe.

NEOLOGISMOS DA LINGUÍSTICA LAVANDA

Conforme Antunes (2012, p. 31, grifos da autora): “A constante expansão do léxico da língua se efetua *pela criação de novas palavras* (doleiro, internetês), *pela incorporação de palavras de outras línguas* (deletar, mouse, leiaute, tuitar, blogar), *pela atribuição de novos sentidos a palavras já existentes* (salvar, fonte, vírus), processos que costumam existir e deixar o léxico em um ininterrupto movimento de renovação”.

São, em suma, considerados como unidades lexicais novas que passam a ser adotadas em uma língua (Boulanger, 1979), seja por via endógena, por meio, por exemplo, da neologia semântica, ou exógena, como os estrangeirismos.

Nesta pesquisa destacamos que, nas criações neológicas do universo das gírias referentes à comunidade LGBTQIAPN+, ocorre com expressiva frequência o que se denomina neologia semântica: o acréscimo ou a mudança de semas ou conjunto de semas de um item lexical ou sintagma (Alves, 1994).

Os neologismos semânticos, também chamados de conceituais, surgem, então, quando há uma transformação no significado de um item lexical, sem que haja alteração em sua forma. São recorrentes, por exemplo, antropônimos que se tornam neologismos semânticos na gíria LGBTQIAPN+.

A Antropônimia faz parte dos estudos onomásticos e investiga os nomes próprios de pessoa, que estão integrados ao nosso dia a dia e aparecem em quase todas as ações que executamos (Amaral; Seide, 2020). Na gíria lavanda, muitos nomes próprios recebem uma nova significação, como em: “elza”, que deixa de ser um nome de mulher e passa a significar roubo, “irene”, que indica um gay velho ou feio; “jorge”, que designa homem bonito e pai de família; “laurinha”, diminutivo de Laura, associado a gay pobre, mas esnobe; “neusa”, que se refere a homossexual ou mulher de ascendência oriental; “regina”, ligado ao ato de se comportar fora da normalidade; “suzi”, que seria o gay com mais de quarenta anos e que frequenta com assiduidade a academia; “zoraide”, homossexual esnobe; e muitos outros.

As mudanças portadas pela neologia semântica podem ocorrer devido à modificação no conjunto de semas (unidades mínimas de significação) associados a uma unidade léxica, por meio, por exemplo, de processos como a metáfora. Vejamos alguns: “anel de couro”, que não é um acessório desse material, mas sim, pela forma, associado ao ânus; “atender”, que não significa responder, servir ou cuidar, mas envolver-se sexualmente com alguém; “baixar a vovó”, que, provavelmente, pelo fato de senhoras idosas e avós sofrerem com a curvatura da coluna, é gíria associada ao ato de fazer sexo oral, já que pode ser preciso ficar com o corpo curvado para tal; “bater bolo”, que não é preparar esse doce, mas metaforicamente, pela necessidade de se bater com vigor a massa para assar, vem a ser ligado à masturbação; “berro”, que não é a emissão de som que indica espanto, medo, alegria, raiva, dor, mas sim uma interjeição que indica surpresa; “bolacha”, que não é o biscoito, mas lésbica; “cagar no maiô”, que não é o defecar na roupa de banho, mas, por ser algo associado à repugnância, passa a indicar o ato de fazer uma besteira; “carimbar”, com o significado de usar um instrumento contendo letras ou figuras em relevo que recebem tinta para marcar documentos e/ou papéis, como o particípio usado como adjetivo e substantivo “carimbado”, recebeu nova carga semântica e passou a indicar o ato de infectar, muitas vezes propositadamente, um sujeito com alguma doença por meio do ato sexual; “fita”, que não é um pedaço de tecido, mas o esperma e, assim, “engolir fita”, é engolir o esperma; “mala”, que não é o objeto usada para transporte de itens pessoais, mas sim a referência a homem dotado de órgão genital avantajado, ou seja, aquele que carrega muito volume nas calças, dentre outros; “sandália”, e seu diminutivo “sandalinha”, antes referentes somente a um tipo de calçado mais comum ao vestuário feminino, passou a indicar mulher lésbica com traço e postura femininas. Vê-se que o formador do diminutivo (-inha) evidencia aspecto frágil e delicado, o que difere da lexia “sapata” ou “sapatão”, com o aumentativo (-ão) usados, também por meio do acréscimo de nova acepção, para referir mulher lésbica que adota atitudes e vestes masculinizadas, conforme bem delimita o exemplo sugerido.¹

¹Os itens trazidos anteriormente foram coletados do *Gaycionário* (Miller, 2017), um dicionário on-line que se descreve revolucionário e tenta esclarecer o significado de inúmeras gírias gays, mas sem as observações neológicas aqui realizadas.

Na neologia semântica, consequentemente, é percebida a incorporação do significado afetivo a alguns itens, “derivado das determinações culturais de cada grupo ou das particularidades do enunciador em certo evento comunicativo” (Antunes, 2012, p. 44). Nisso se coaduna o que explica Ricoeur (Ricoeur, 1992, p. 148) sobre o fato de o significado metafórico não se consistir num choque ou embate semântico, mas em um outro significado. Para ele, “a metáfora não é o enigma, mas a solução do enigma.

Se recorrermos a Lakoff e Johnson (2004), teremos que as metáforas, enquanto expressões linguísticas, são viáveis exatamente porque se encontram no sistema conceitual de um indivíduo. O que pode ser resumido, conforme Orsi (2009, p. 74), no aspecto de que a metáfora “conceitualiza um domínio de experiência em termos de outro, geralmente de forma inconsciente. Ela é uma representação mental e cognitiva porque existe na mente e atua no pensamento”. Desse modo, se aproximarmos a neologia conceitual à metáfora conceitual, vemos a motivação da vasta quantidade de itens neológicos que surgem na gíria queer.

Na gíria lavanda notamos ainda que há expressões neológicas de associações variadas que merecem nossa observação. A expressão “fazer a Alice” é atribuída ao homossexual que parece estar em um mundo de fantasias e absurdos, cuja origem remete à personagem Alice, de *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll; “fazer a egípcia”, relacionada a uma pessoa que finge não ter visto outra ou que é indiferente a alguém. Coloquialmente, seria alguém que “vira a cara”, assim como as imagens de perfil dos antigos egípcios. Há ainda “dar close”, associada a um indivíduo que, ao chegar a algum lugar, destaca-se. Ou melhor, é aquele em quem a plateia dá close, que se pretende ver com bastante proximidade, como num enquadramento de uma câmera fotográfica. Pode significar também alguém que mostra quem é verdadeiramente. Em “pão com ovo”, tem-se um homossexual de baixa renda, que só pode ter acesso a uma alimentação barata feita de pão com ovo, ou que não é provido de refinamento, ou ainda, que é popular e acessível como o sanduíche.

Ressaltamos, ademais, que há muitos sintagmas que fazem referência a personagens femininos da mídia brasileira. Enquanto o homem heterossexual tenderia a se identificar com modelos masculinos como jogadores de futebol, personagens violentos, galãs ou viris de um filme, psicólogos costuma postular que haveria grande identificação de homossexuais com personagens femininos (Reis, 2012) e que isso representaria parte de sua personalidade psicológica interior – relacionado à anima definida por Jung (Rocha, 2017). As expressões que surgem ligam verbos a nomes de mulheres brasileiras, ressignificando algo próprio da personalidade, da atitude ou de alguma peculiaridade da carreira dessa personagem.

Como exemplo, destacamos “fazer a Gisele”, que designa o ato de andar rebolando, associado ao fato de Gisele (Bündchen) ser uma modelo brasileira famosa pelo modo de caminhar sobre a passarela, executando movimentos pélvicos com fluidez.

Para indicar o ato de beber álcool exageradamente, encontramos “fazer a Maysa”, que resgata um aspecto da vida da cantora carioca Maysa, da década de 1960, que fazia consumo abusivo de bebidas alcóolicas.

Uma última exemplificação que trazemos é a expressão “fazer a Angélica”, que aponta para a ligação com a música dessa que foi uma cantora infantojuvenil de sucesso nos anos 1980, intitulada “Vou de táxi” e assumindo o significado na gíria lavanda de pegar ou andar de táxi.

Vê-se que, com a formação de sintagmas e com o acréscimo de novos significados a alguns itens, criam-se variantes que podem veicular informações sociais que caracterizam neste artigo o grupo LGBTQIAPN+, como a necessidade de indicar traços mais ou menos femininos, ligação com doenças, aparência, condição econômica etc. Na esteira do que demonstrou Labov (2008), tais variantes podem ser mapeadas numa estratificação social, caracterizando o grupo de indivíduos que as empregam, mas também podem ser usadas por indivíduos que queiram indicar sua afiliação a uma determinada comunidade.

Assim, quando os falantes e usuários da gíria lavanda apropriam-se de palavras já conhecidas na língua, subtraem algumas de suas características e semas e os insere em seu vocabulário, há uma mudança linguística que leva em consideração a vida social da comunidade em que ocorre. Quando essas variações são acompanhadas de mudanças semânticas, passam a ter novas funções e a desempenhar novos papéis ao serem produzidas em contextos de interação específicos e inéditos, como aquele da comunidade LGBTQIAPN+. Por fim, segundo Labov (2008, p. 43) “Somente quando se atribui significado social a tais variações é que elas são imitadas e começam a desenvolver um papel na língua”. E disto extrai-se a grande riqueza que o estudo das gírias pode trazer à compreensão da evolução do léxico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo esperamos ter mostrado que os estudos lexicais têm muito a contribuir para o entendimento do uso da língua pela comunidade LGBTQIAPN+. Percebemos, por esta pesquisa, que a gíria é usada para marcar um tipo de referencial no mundo e torna-se essencial para a composição da expressão *queer*. Não apenas a língua é usada como um veículo de comunicação, afeto e humor, mas também ajuda a organizar o universo LGBTQIAPN+, classificando e nomeando a composição social e comportamental dos membros dessa comunidade.

Devemos enfatizar a importância dos neologismos na formação de identidades sociais e culturais, pois, em inúmeras vezes, essas criações são fruto do posicionamento de grupos específicos que tentam legitimar suas experiências. Dessa forma, os neologismos não apenas tornam mais rica, representativa e abrangente uma língua, mas também vir a servir como instrumentos de inclusão e expressão de diversidade. E daí a defesa do argumento aqui sob nosso olhar.

Além das reflexões aqui apresentadas sobre algumas características neológicas da gíria LGBTQIAPN+, há também toda a criatividade com que essa criação se forma, especialmente expandindo seu significado, acrescentando informações semânticas ou, por vezes, as ressignificando totalmente. A gíria lavanda, portanto, brinca com as palavras, transformando-as.

REFERÊNCIAS

- ALONSO, N. T. **Do arouche aos jardins**: uma gíria da diversidade sexual. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2009.
- ALVES, I. M. **Neologismo**. Criação lexical. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.
- AMARAL, E. T. R.; SEIDE, M. S. **Nomes próprios de pessoa**: introdução à antropônimia brasileira. São Paulo: Blucher, 2020. Disponível em: https://www.blucher.com.br/nomes-proprios-de-pessoa-introducao-a-antroponomia-brasileira_9786555500011. Acesso em: 30 mar. 2024.
- ANTUNES, I. **Território das palavras**. São Paulo: Parábola, 2012.
- BIDERMAN, M. T. C. Dimensões da palavra. **Filologia e Lingüística Portuguesa**, n. 2, p. 81-118, 1998.
- BOULANGER, J. C. **Néologie et terminologie**. Néologie em Marche, 1979.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. (Trad. de Renato Aguiar). Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.
- CAMERON, D.; KULICK, D. **Language and Sexuality**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- GUIRAUD, P. **A semântica** (Trad. de Maria Elisa Mascarenhas). 2. ed. Rio de Janeiro: Difel, 1975.
- KULICK, D. Gay and Lesbian Language. **Annu. Rev. Anthropol.**: 29, p. 243–285, 2000.
- LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. (Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso). São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LAKOFF, G; JOHNSON, M. **Metáforas de la vida cotidiana**. Madrid: Cátedra, 2004.
- LEAP, W. L. Studying Lesbian and Gay Languages: Vocabulary, Text-making, and Beyond. In: LEWIN, E.; LEAP, W. L. **Out in theory: the emergence of lesbian and gay anthropology**. Chicago: University of Illinois Press, p. 128-154, 2002.

LUCIA, D. **Il gergo queer nell’italiano novecentesco e contemporaneo tra gergalizzazione e degergalizzazione.** Linguistica, Anglistica, Italianistica e Filologia, presso la facoltà di Lingue e Letterature Straniere dell’Università degli Studi Gabriele d’Annunzio, Chieti-Pescara, 2013.

MILLER, Leninha. **Gaycionário**—O dicionário revolucionário do século XXI. 2017. Disponível em: <https://www.wattpad.com/362770609-gaycion%C3%A1rio-o-dicion%C3%A1rio-revolucion%C3%A1rio-do-s%C3%A9culo>. Acesso em: 18 jul. 2024.

MOREIRA, G. E. Por trás do monograma do movimento LGBTQIAPN+: vidas, representatividade e esclarecimentos. **Revista Temporis[ação]**, v. 22, n. 02, p. 20, 2022. Disponível em: //www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/article/view/13262. Acesso em: 23 out. 2024.

ORSI, Vivian. **Metáforas do universo lexical português e italiano das zonas erógenas: ânus, nádegas, pênis, seios, testículos e vulva.** São José do Rio Preto: 2009, 226 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista.

ORSI, Vivian. Tabu e preconceito linguístico. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, v. 9, p. 334-348, 2011.

PIOVESAN, F.; KAMIMURA, A. Proteção internacional à diversidade sexual e combate à violência e discriminação baseadas a orientação sexual e identidade de gênero. **Anuario de Derecho Público Udp**, p.173-190, 2017.

POLGUÈRE, A. **Lexicologia e Semântica Lexical.** (Trad. de Sabrina Pereira de Abreu). São Paulo: Contexto, 2018.

PRETI, D. **A gíria e outros temas.** São Paulo: T.A. Queiroz, 1984.

PRETI, D. (org.). **O discurso oral culto.** São Paulo: Humanitas FFLCH / USP, 1998.

PRETI, D. (org.). **Fala e escrita em questão.** Associação Editorial Humanitas, 2000.

REIS, R. P. Eu tenho medo de ficar afeminado: performances e convenções corporais de gênero em espaços de sociabilidade homossexual. **Rev. NUFEN**. São Paulo: v. 4, n.1, p. 73-87, jun. 2012. Disponível em: <https://bit.ly/2J6H9j6>. Acesso em: 20 mar. 2018.

RICOEUR, P. O processo metafórico como cognição, imaginação e sentimento. In: SACKS, S (org.). **Da metáfora.** (Trad. de Leila Cristina M. Darin *et al*). São Paulo: EDUC/Pontes, p. 145-160, 1992.

RIVA, H. C. Desvendando o léxico do Pajubá, a gíria do grupo dos LGBTQIAPN+ do Brasil. **Caderno Pedagógico**, [S. l.], v. 21, n. 2, p. e2876, 2024. Disponível em: <https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/2876>. Acesso em: 24 set. 2024.

ROCHA, C. A. **Processo de individuação de Jung** – a projeção como barreira ao autodesenvolvimento. Fls. 46. Monografia apresentada ao curso de Graduação em Psicologia da Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA, Ariquemes – RO, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2CpodYf>. Acesso em: 20 out. 2014.

SILVA FILHO R. M.; RODRIGUES I. C. Digressões homossexuais: notas antropológicas sobre coming out, ethos LGBT e bajubá em Belém-PA. **Revista NUFFEN**: v4, n.1, janeiro-junho, 44-58, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/2z3U58q>. Acesso em: 20 mar. 2024.

Recebido para publicação em: 24 out. 2024.

Aceito para publicação em: 23 fev. 2025.